

De Rubem Braga, Enviado do «Diário de Notícias», à Argentina

INDECISO ATÉ AO ÚLTIMO DIA O ELEITORADO DA ARGENTINA

★ GRANDE O PRESTÍGIO DE FRONDISI

BUENOS AIRES, 26 — (Por gentileza da VARIG) — Cartazes, comícios, manchetes violentas e mesmo uma ou outra bomba que explode, nada parece afetar o homem de Buenos Aires. A poucos dias das eleições a massa está aparentemente fria e mesmo se diria vagamente aborrecida com esse ruído todo que se faz para conquistar sua preferência. Interroguei algumas dezenas de pessoas e não cheguei a conclusão alguma. Que estranhas eleições essas de domingo!

Para explicar isso acho que o melhor é recordar os resultados dos últimos pleitos. Ali vemos que a maioria (66,9% em 1946, 63,6% em 1951, e 63,3% nas eleições de vice-presidente de 1954) votou com o peronismo. Em segundo lugar vieram sempre os radicais, com aproximadamente a metade dos votos peronistas; essas duas correntes juntas formaram sempre cerca de 96% do eleitorado. E não é de admirar que esse eleitorado esteja perplexo.

A MASSA PERONISTA

Os peronistas perderam a presença de seu chefe, única pessoa capaz de mantê-los unidos. Vários pequenos partidos procuram atrair essa massa, como o Partido do Lobo, o Populista de Saadix, a União Popular de Bramúglia. Estes dois últimos estão aconselhando o eleitorado a votar em branco, segundo a palavra de ordem de Perón, para exprimir a de-

saprovação ao governo. A mesma coisa é aconselhada pelo grupo de Azul e Branco e pelos nacionalistas que apóiam Bengoa; a União Federal de Mario Amadeo concorre às eleições, mas anuncia que, eleitos, seus candidatos votarão contra a reforma e pela volta à Constituição peronista de 1946. Há ainda um Partido Democrata Conservador Populista que aconselha — contra a lei — a abstenção do eleitor.

Não há dúvida que a grande massa peronista está confusa. Votar em branco não é coisa de entusiasmar ninguém. Além disso, apesar das declarações feitas, Perón resolveu, à última hora, deixar um tanto em dúvida sua palavra de ordem de votar em branco. Pelo menos não a reafirmou nestes últimos dias da campanha, como seria de esperar, e parece estar indeciso, ou achar conveniente deixar uma pequena margem de dúvida para salvar a face no caso de ser pequena a votação em branco. Além disso, atacando o governo, Frondizi afirma que este é que, às escondidas, está animando a campanha do voto em branco ou da abstenção — para impedir uma vitória dele, Frondizi, e mostrar que a opinião pública ainda não está preparada — e assim desculpar o continuismo. Frondizi chega a dizer que uma emissora clandestina que aconselha o povo a votar em branco pertence à polícia... Isso pode

(Conclui na 2ª página)

Indeciso Até ao Ultimo Dia...

(Conclusão da 1ª página) parecer incrível, mas o fato é que contribui para tornar ainda mais indeciso o eleitor peronista.

Votará ele em Frondizi? Velho e corajoso adversário de Perón, o líder radical pode agradar os peronistas porque — a) é o maior adversário legal que o atual governo tem; b) prega a reabilitação da massa peronista e a autonomia sindical, e seu programa tem um conteúdo anti-imperialista que lembra a pregação do Perón dos velhos tempos.

OS FRONDIZISTAS

Não há dúvida que a maioria do eleitorado radical — a maior parte daqueles 32 por cento dos votos das últimas eleições, que citamos acima — está com Frondizi e sua União Cívica Radical Intransigente.

Até muito pouco tempo atrás Frondizi tendia a sabotar as eleições ou pregar o voto em branco. Mudou de idéia naturalmente porque sentiu que no caso de uma maioria de votos em branco muita gente teria a impressão de que isso exprimiria o prestígio de Perón, e não o seu. Pede agora ao povo que vote em seus candidatos, para que estes, eleitos para a Convenção da Reforma Constitucional (as eleições são para formar uma Convenção que reforme determinados pontos da Constituição em vigor e não para que se faça outra) puguem a dissolução dessa assembléa e a realização imediata de eleições presidenciais e gerais. Ora, essa idéia também não parece muito excitante: eleger para uma Convenção candidatos que se dispõem, caso tenham maioria, a dissolver essa mesma Convenção... Mas o prestígio de Frondizi é muito grande.

O BLOCO OFICIALISTA

Deixemos o fantasma (agora branco...) de Perón e o discutido Arturo Frondizi, e olhemos para os lados do governo. Dos partidos que o apóiam o mais forte parece ser a União Cívica Radical do Povo, isto é, os radicais que não estão com Frondizi, mas sim com Balbin, Zavala Ortiz, Sabattini e Rabanal. Vêm depois os Conservadores (Partido Democrático) e os Socialistas, velhas agremiações, de chefes também muito velhos, que nas últimas eleições mal chegaram a somar 3% do eleitorado. Além disso há os democratas progressistas (na prática quase socialistas), os democratas cristãos de Ordoñez, uma vaga Concentra-Obreira e uma União Republicana.

Os votos que fôrem para esses lados representarão antes de mais nada apoio ao atual governo revolucionário — contra o peronismo e contra o frondizismo. E' claro que uma grande parte do eleitorado, principalmente a classe rica e a classe média infensa tanto ao ditatorialismo peronista quanto ao esquerdismo de Frondizi escolherá nesse meio seus candidatos.

Os comunistas ficam fora dessa briga, e costumam representar pouco mais de um por cento do eleitorado; não há sinal de que tenham crescido. Existe ainda um Partido Cívico Independente que prega o liberalismo econômico, contra o estatismo, a favor do capital estrangeiro, mas esse parece dispôr mais de dinheiro que de prestígio popular.

A BANDEIRA NACIONALISTA

A exploração demagógica do nacionalismo foi um dos fatores que levou Perón ao poder. A rigor, depois de suas inúmeras traições aos postulados nacionalistas (a última das quais, a incrível e imensa concessão de petróleo e bases militares aos americanos, não chegou a se efetivar) Perón não poderia mais

desfraldar essa bandeira; mas isso não impede que muitos peronistas continuem a achar que seu ídolo foi derrotado para que a Argentina pudesse ser entregue pelos militares ao imperialismo americano.

O nacionalista bem mais conseqüente tem sido Frondizi; e também seus seguidores acusam o atual governo de entreguista.

O governo de Aramburu e Rojas acaba de lavrar dois tentos nesse terreno, no sentido de neutralizar a campanha daquelas duas correntes suas adversárias. Os jornais de ontem trazem uma longa entrevista do presidente da YPF — a Petrobrás daqui — anunciando que com os últimos poços abertos a Argentina tem garantido petróleo para 20 ou 30 anos; não se trata mais de procurar petróleo, mas de construir oleodutos e refinarias, para o que não é difícil obter capital estrangeiro sem comprometer a soberania nacional. O atual governo fez muito mais no terreno do petróleo do que Perón em todo o seu governo.

Além disso o governo resolveu declarar nulos os contratos em que se baseavam a prorrogação da concessão de duas grandes companhias estrangeiras de electricidade. A CADE, que serve a Buenos Aires, ficará imediatamente sob intervenção e todo seu patrimônio passará a ser propriedade do Estado no fim deste ano. Não vamos entrar no mérito dessas medidas, mas é indiscutível que elas são altamente populares, tanto que os piores opositores do governo não se animaram a criticá-las, mas apenas a chamar a atenção para o fato de serem elas tomadas às vésperas das eleições.

28.7.57

364